

67

Era uma vez um pomar e passavam por ali muitas lagartas que muitas vezes comentavam à saída dos seus respectivos pomos como todos aqueles que estão completamente absorvidos pelas suas tarefas até as gargalhadas se desequilibravam em seus respectivos galhos.

68

Era uma vez uma serpente infinita. como era infinita não havia maneira de se saber onde estava a sua cabeça. de cada vez que se lhe tirava uma vértebra não fazia falta nenhuma. podia-se mesmo parti-la deslocá-la emendá-la. ficava sempre infinita. quem quisesse levar-lhe um bocado para casa podia pô-lo na parede e contemplar um fragmento da serpente infinita.

70

Era uma vez um relógio anacrónico. Quando batia as horas estas rolavam pela sala e depois transformavam-se em lindas maçãs de prata que se penduravam do tecto. De cada vez que uma nova hora rolava pela sala as outras já de prata sorriam pendentes do tecto de modo que naquela sala havia sempre uma espécie de som de riso de prata e quando o relógio dava uma volta completa no quadrante as horas já de prata deixavam-se cair e então o som era mesmo de grandes gargalhadas de prata.

72

Era uma vez uma ausência que andava em missão de viagem. Quando chegava a uma encruzilhada dava três voltas sobre si própria para perder por completo a noção do caminho por onde viera atingindo assim com regularidade as regiões efémeras do esquecimento. Depois regressava a casa.

75

Era uma vez uma idade. Sentada à porta de casa apascentava os seus mortos. Quando eles se aproximavam demasiado separava-os com uma varinha. Sim porque o peso dos mortos para onde vai perguntava a idade. E nesses momentos envelhecia. Recolhia a casa e os mortos deitavam-se debaixo das árvores. Quando os ramos estremeciam os mortos perguntavam a idade para onde irá. E erguiam-se de sob as árvores.

78

Era uma vez um povo que de tanto cair a soleira da porta se tornara introspectivo ao ponto de a cabeça lhe entrar pelo peito dentro. A cal grassava pelas ruas e às vezes por sobre os telhados chegando mesmo a cobrir certas torres pintadas de azul. Aí a criminalidade atingia tal grau que se tiravam mesmo algumas fotografias.

80

Era uma vez uma história tão impressionante que quando alguém a lia o livro começava a transpirar pelas folhas. Se o leitor fosse muito bom o livro soltava mesmo algumas pequeninas gotas redondas de sangue.

192

Era uma vez um guisado consciente em que a carne era consciente. A gordura estendia as suas línguas ferventes por sobre os pedaços de carne que rugiam encolhendo-se e expelindo fumo. Quando o guisado estava pronto a gordura descansava e então a carne emergia consciente e gelada.

193

Era uma vez uma ilha de momentos. Para poder resistir, os habitantes eram obrigados a contemplar incessantemente o desfilar das imagens que constituíam a sua natureza. Viviam fazendo descolagens.